

## O SEGREDO DO BONZO\*

CAPÍTULO INÉDITO DE FERNÃO MENDES PINTO<sup>1</sup>

1 Atrás deixei narrado o que se passou nesta cidade Fuchéu, capital do reino de Bungo,<sup>2</sup> com o padre-mestre<sup>3</sup> Francisco, e de como el-rei se houve com o Fucarandono<sup>4</sup> e outros bonzos, que tiveram<sup>5</sup> por acertado disputar ao padre as primazias da nossa santa religião.<sup>6</sup> Agora direi de uma doutrina não menos curiosa que saudável ao espírito, e digna de ser divulgada a todas as repúblicas da cristandade.

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (30 abr. 1882, p. 1), PA1882 (p. 179-192), PA1937 (p. 193-208), PA1952 (p. 189-203), OCA1959 (v. II, p. 320-325), PAGK1989 (p. 118-125), OCA1994 (v. II, p. 323-328), CJG1998 (v. I, p. 362-370), PAIT2005 (p. 161-173) e em OCA2015 (v. 2, p. 293-297). Texto-base: PA1882. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos. Em GN, no Folhetim, o título é “Um capítulo inédito de Fernão Mendes Pinto – De uma curiosa doutrina que achei em Fuchéu, e do que aí sucedeu a tal respeito”.

<sup>1</sup> Este “capítulo inédito” deveria figurar entre os capítulos CCXIII e CCXIV na *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. Ao final de *Papéis avulsos* (1882, p. 294-295), há, sem as aspas, a seguinte nota do autor: “NOTA C / O SEGREDO DO BONZO ..... pág. 179 / Como se terá visto, não há aqui um simples *pastiche*, nem esta imitação foi feita com o fim de provar forças, trabalho que, se fosse só isso, teria bem pouco valor. Era-me preciso, para dar a possível realidade à invenção, colocá-la a distância grande, no espaço e no tempo; e para tornar a narração sincera, nada me pareceu melhor do que atribuí-la ao viajante escritor que tantas maravilhas disse. Para os curiosos acrescentarei que as palavras: *Atrás deixei narrado o que se passou nesta cidade Fuchéu*, – foram escritas com o fim de supor o capítulo intercalado nas *Peregrinações*, entre os caps. CCXIII e CCXIV. / O bonzo do meu escrito chama-se Pomada, e pomadistas os seus sectários. *Pomada* e *pomadista* são locuções familiares da nossa terra: é o nome local do charlatão e do charlatanismo.”

<sup>2</sup> “Cidade Fuchéu, metrópole [...] do Reino de Bungo na Ilha Japão”: assim vem na *Peregrinação* (capítulo CCXI).

<sup>3</sup> padre-mestre] Padre-mestre – em OCA1994.

<sup>4</sup> Fucarandono era o bonzo de maior fama na região em que se passaram os acontecimentos narrados. Este personagem aparece na *Peregrinação* (cap. CCXI, p. 571 e p. 573): “Desejoso o bonzo de que não lhe fugisse a presa que tinha como muito certa [o padre-mestre Francisco], confiado no seu saber, porque tinha grau de tundo nos colégios de Fiancima, onde se dizia que ele estivera trinta anos como lente de prima numa faculdade que eles entre si têm como suprema, como entre nós a sagrada Teologia, chegando ao paço a este tempo que digo, mandou dizer a El-Rei por um dos bonzos que vinham com ele que estava ali o *Fucarandono*, porque assim se chamava ele, do que El-Rei ficou carregado, e com semblante triste, por lhe parecer que pela sua muita ciência podia embarçar o padre e fazê-lo perder a honra que tinha ganho com os outros.” (grifo nosso)

<sup>5</sup> tiveram] houveram – em PA1937 e em PA1952.

<sup>6</sup> Fernão Mendes Pinto (1510?-1583), que teve uma vida aventurosa, conheceu Francisco Xavier no Oriente, e esteve com ele no Japão. Suas narrativas exuberantes, entretanto, na *Peregrinação* (1614), contêm fatos reais e ficcionais. Nelas, ele não se mostra superior aos povos e às culturas orientais. (Cf. ARAÚJO, 1996)

2 Um dia, andando a passeio com Diogo Meireles, nesta mesma cidade Fuchéu, naquele ano de 1552, sucedeu deparar-se-nos um ajuntamento de povo, à esquina de uma rua, em torno a um homem da terra, que discorria com grande abundância de gestos e vozes. O povo, segundo o esmo mais baixo, seria passante de cem pessoas, varões somente, e todos embasbacados. Diogo Meireles, que melhor conhecia a língua da terra, pois ali estivera muitos meses, quando andou com bandeira<sup>7</sup> de veniaga (agora ocupava-se no exercício da medicina, que estudara convenientemente, e em que era exímio) ia-me repetindo pelo nosso idioma o que ouvia ao orador, e que<sup>8</sup> em resumo, era o seguinte: – Que ele não queria outra cousa mais do que afirmar a origem dos grilos, os quais procediam do ar e das folhas de coqueiro, na conjunção da lua nova; que este descobrimento,<sup>9</sup> impossível a quem não fosse, como ele, matemático, físico e filósofo, era fruto de dilatados anos de aplicação, experiência e estudo, trabalhos e até perigos de vida; mas<sup>10</sup> enfim, estava feito, e todo redundava<sup>11</sup> em glória do reino de Bungo, e especialmente da cidade Fuchéu, cujo<sup>12</sup> filho era; e, se por ter aventado tão sublime verdade, fosse necessário aceitar a morte, ele a aceitaria ali mesmo, tão certo era que a ciência valia mais do que a vida<sup>13</sup> e seus deleites.

3 A multidão, tanto que ele acabou, levantou um tumulto de aclamações, que esteve a ponto de ensurdecer-nos, e alçou nos braços o homem,<sup>14</sup> bradando: Patimau, Patimau, viva Patimau que descobriu a origem dos grilos.<sup>15</sup> E todos se foram com ele ao alpendre de um mercador, onde lhe deram refrescos e lhe fizeram muitas saudações e reverências, à maneira deste gentio, que é em<sup>16</sup> extremo obsequioso e cortesão.

4 Desandando o caminho, vínhamos nós, Diogo Meireles e eu, falando do singular achado da origem dos grilos, quando, a pouca distância daquele alpendre, obra de seis credos,<sup>17</sup> não mais, achamos outra multidão de gente, em outra esquina, escutando a outro homem. Ficamos espantados com a semelhança do caso, e Diogo Meireles, visto

---

<sup>7</sup> andou com bandeira] andou com a bandeira – em OCA1959.

<sup>8</sup> e que] e que, – em PA1952, em PAGK1989 e em PAIT2005.

<sup>9</sup> este descobrimento,] esta descoberta, – em GN.

<sup>10</sup> mas] mas, – em GN e em PA1952.

<sup>11</sup> estava feito, e todo redundava] estava achada, e toda redundava – em GN.

<sup>12</sup> cujo] cuja – em PA1882, em PA1937, em PAGK1989 e em PAIT.

<sup>13</sup> a ciência valia mais do que a vida] a ciência mais do que a vida – em PA1937.

<sup>14</sup> o homem,] o homem – em OCA1959 e em OCA1994; homem – em OCA2015.

<sup>15</sup> Patimau, Patimau, viva Patimau que descobriu a origem dos grilos.] Patimau, Patimau! Viva Patimau, que descobriu a origem dos grilos! – em PA1952; Patimau, Patimau, viva Patimau, que descobriu a origem dos grilos. – em OCA1959 e em OCA1994; Patimau, Patimau, viva Patimau que descobriu a origem dos grilos! – em PAGK1989, em CJG1998 e em OCA2015.

<sup>16</sup> em] um – em PA1937.

<sup>17</sup> Esse modo de medir o tempo (e, conseqüentemente, a distância) é utilizado por Fernão Mendes Pinto, na *Peregrinação* (v. II, cap. CCVII, p. 539): “[...] e outras muitas palavras a este modo, de que não me lembro bem, ao fim das quais, inclinando a cabeça sobre o púlpito, como se descansasse daquele trabalho, esteve quedo cerca de dois ou três *credos*, e tornando a levantá-la, com rosto alegre [...]” (grifo nosso)

que também este falava apressado, repetiu-me da<sup>18</sup> mesma maneira o teor da oração. E dizia este outro, com grande admiração e aplauso da gente que o cercava, que enfim descobrira o princípio da vida futura, quando a terra houvesse de ser inteiramente destruída, e era nada menos que uma certa gota de sangue de vaca; daí provinha a excelência da vaca para habitação das almas humanas, e o ardor com que esse distinto animal era procurado por muitos homens à hora de morrer; descobrimento<sup>19</sup> que ele podia afirmar com fé e verdade, por ser obra de experiências repetidas e profunda cogitação, não desejando nem pedindo outro galardão mais que dar glória ao reino de Bungo e receber dele a estimação que os bons filhos merecem. O povo, que escutara esta fala com muita veneração, fez o mesmo alarido e levou o homem ao dito alpendre, com a diferença que o trepou a uma charola; ali chegando, foi regalado com obséquios iguais aos que faziam a Patimau, não havendo nenhuma distinção entre eles, nem outra competência nos banqueteadores, que não fosse a de dar graças a ambos os banqueteados.

5 Ficamos sem saber nada daquilo, porque nem nos parecia casual a semelhança exata dos dous<sup>20</sup> encontros, nem racional ou crível a origem dos grilos, dada por Patimau, ou o princípio da vida futura, descoberto por Languru, que assim se chamava o outro. Sucedeu, porém, costearmos a casa de um certo Titané, alparqueiro, o qual correu a falar a Diogo Meireles, de quem era amigo. E, feitos os cumprimentos, em que o alparqueiro chamou as mais galantes cousas a Diogo Meireles, tais como – ouro da verdade e sol do pensamento, – contou-lhe<sup>21</sup> este o que víramos e ouvíramos pouco antes. Ao que Titané acudiu com grande alvoroço: – Pode ser que eles andem cumprindo uma nova doutrina, dizem que inventada por um bonzo de muito saber, morador em umas casas pegadas ao monte Coral. E porque ficássemos cobiçosos de ter alguma notícia da doutrina, consentiu Titané em ir conosco no dia seguinte às casas do bonzo, e acrescentou: – Dizem que ele não a confia a nenhuma pessoa, senão<sup>22</sup> às que de coração se quiserem filiar a ela; e, sendo assim, podemos simular que o queremos unicamente com o fim de a ouvir; e se for boa, chegaremos a praticá-la à nossa vontade.

6 No dia seguinte, ao modo concertado, fomos às casas do dito bonzo, por nome Pomada,<sup>23</sup> um ancião de cento e oito anos, muito lido e sabido nas letras divinas e humanas, e grandemente aceito a toda aquela gentildade, e por isso mesmo malvisto<sup>24</sup>

---

<sup>18</sup> da] na – em PAGK1989.

<sup>19</sup> descobrimento] descoberta – em GN.

<sup>20</sup> Observe-se que, no texto, há oscilação entre “dous” e “dois” – ver nota 51.

<sup>21</sup> pensamento, – contou-lhe] pensamento –, contou-lhe – em OCA2015.

<sup>22</sup> senão] se não – em GN, em PA1882, em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

<sup>23</sup> Pomada,] Pimada, – em PA1937.

<sup>24</sup> malvisto] mal visto – em GN, em PA1937, em PA1882, em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

de outros bonzos, que se finavam de puro ciúme. E tendo ouvido o dito bonzo a Titané quem éramos e o que queríamos, iniciou-nos primeiro com várias cerimônias e bugiarias necessárias à recepção da doutrina, e só depois dela<sup>25</sup> é que alçou a voz para confiá-la e explicá-la.

7     Haveis de entender, começou ele, que<sup>26</sup> a virtude e o saber,<sup>27</sup> têm duas existências<sup>28</sup> paralelas, uma no sujeito que as<sup>29</sup> possui, outra no espírito dos que o ouvem ou contemplam. Se puserdes as mais sublimes virtudes e os mais profundos conhecimentos em um sujeito solitário, remoto de todo contacto com outros homens, é como se eles não existissem. Os frutos de uma laranjeira, se ninguém os gostar, valem tanto como as urzes e plantas bravias, e, se ninguém os vir, não valem nada; ou, por outras palavras mais enérgicas, não há espetáculo sem espectador. [Suponhamos um poeta, um virtuoso, um sabedor de cousas da terra e do céu; se ele não tiver diante de si um público, é como se ele mesmo não existisse.]<sup>30</sup> Um dia, estando a cuidar nestas cousas, considerei que, para o fim de alumiar um pouco o entendimento, tinha consumido os meus longos anos, e, aliás,<sup>31</sup> nada chegaria a valer sem a existência de outros homens que me vissem e honrassem; então cogitei se não haveria um modo de obter o mesmo efeito,<sup>32</sup> poupando tais trabalhos, e esse dia posso agora dizer que foi o da regeneração dos homens, pois me deu a doutrina salvadora.

8     Neste ponto, afiamos os ouvidos e ficamos pendurados da boca do bonzo, o qual, como lhe dissesse Diogo Meireles que a língua da terra me não era familiar,<sup>33</sup> ia falando com grande pausa, porque<sup>34</sup> eu nada perdesse. E continuou dizendo:<sup>35</sup> – Mal

---

<sup>25</sup> Era de se esperar que o pronome estivesse no plural (“delas”, isto é, “das cerimônias e das bugiarias”). No singular, há concordância ideológica, ou silepse, coisa comum na prosa machadiana – “dela” concorda com a ideia de “iniciação”.

<sup>26</sup> Haveis de entender, começou ele, que] – Haveis de entender, começou ele, que – em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994 e em CJG1998; – Haveis de entender – começou ele – que (com travessões, sem as vírgulas) – em OCA2015.

<sup>27</sup> saber,] saber – em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015.

<sup>28</sup> existências] existências – em PA1882.

<sup>29</sup> Trata-se, aqui, de um caso de silepse, o pronome “as” concorda com a ideia de “qualidades” (ideia implícita em “a virtude e o saber”) – razão pela qual não alteramos o texto. No período seguinte, Machado emprega o masculino (“eles”) para retomar “as mais sublimes virtudes e os mais profundos conhecimentos”. Nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, cap. VIII, há uma longa enumeração de nomes femininos, terminada por um só nome no masculino, e o conjunto deles é retomado pelo pronome “todos”, no masculino: “Aí vinham a cobiça que devora, a cólera que inflama, a inveja que baba, e a enxada e a pena, úmidas de suor, e a ambição, a fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amor, e *todos* agitavam o homem, como um chocalho, até destruí-lo, como um farrapo.” (ASSIS, 1960, p. 123; grifo nosso)

<sup>30</sup> Este período existe apenas em GN. Ponderamos que a perda do período pode ter sido por descuido tipográfico, na composição do texto (provavelmente a partir do jornal), porque neste período se encontra a base do raciocínio desenvolvido no restante do parágrafo. Aqui o pusemos entre colchetes, porque não temos plena certeza de sua necessidade.

<sup>31</sup> e, aliás,] e aliás, – em PA1937.

<sup>32</sup> efeito,] efeito – em GN.

<sup>33</sup> familiar,] muito familiar, – em GN.

<sup>34</sup> porque] por que – em PA1952, em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015. Nesta passagem, porque = para que.

<sup>35</sup> Em PAGK1989, a partir deste ponto começa novo parágrafo.

podeis adivinhar o que me deu ideia da nova doutrina; foi nada menos que a pedra da lua, essa insigne pedra tão luminosa que, posta no cabeço de uma montanha ou no píncaro de uma torre, dá claridade a uma campina inteira, ainda a mais dilatada. Uma tal pedra,<sup>36</sup> com tais quilates de luz, não existiu nunca, e ninguém jamais a viu; mas muita gente crê que existe e mais de um dirá que a viu com os seus próprios olhos.<sup>37</sup> Considerei o caso, e entendi que, se uma cousa pode existir na opinião, sem existir na realidade, e existir na realidade, sem existir na opinião,<sup>38</sup> a conclusão é que das duas existências paralelas a única necessária é a da opinião, não a da realidade, que é apenas conveniente. Tão depressa fiz este achado especulativo,<sup>39</sup> como dei graças a Deus do favor especial, e determinei-me a verificá-lo<sup>40</sup> por experiências; o que alcancei, em mais de um caso, que não relato, por vos não tomar o tempo.<sup>41</sup> Para compreender a eficácia do meu sistema, basta advertir que os grilos não podem nascer do ar e das folhas de coqueiro, na conjunção da lua nova, e por outro lado, o princípio da vida futura não está em uma certa gota de sangue de vaca; mas Patimau e Languru, varões astutos, com tal arte souberam meter estas duas ideias no ânimo da multidão, que hoje desfrutam a nomeada de grandes<sup>42</sup> físicos e maiores filósofos, e têm consigo pessoas capazes de dar a vida por eles.

9 Não sabíamos em que maneira déssemos ao bonzo as mostras do nosso vivo contentamento<sup>43</sup> e admiração. Ele interrogou-nos ainda algum tempo, compridamente,<sup>44</sup> acerca da doutrina e dos fundamentos dela,<sup>45</sup> e depois de reconhecer que a entendíamos,

---

<sup>36</sup> pedra,] pedra – em PA1937 e em PA1952.

<sup>37</sup> os seus próprios olhos.] os seus olhos. – em PA1937.

<sup>38</sup> e existir na realidade, sem existir na opinião,] e não pode existir na realidade sem existir na opinião, – em GN.

<sup>39</sup> este achado especulativo,] esta descoberta especulativa, – em GN.

<sup>40</sup> verificá-lo] verificá-la – em GN.

<sup>41</sup> Em diversas passagens da *Peregrinação*, Fernão Mendes Pinto se vale desse expediente – de não narrar alguma passagem, justificando-se de algum modo. Veja-se este exemplo, que vem no capítulo CCVIII: “Com este despacho [de Garcia de Sá, que sucedera d. João de Castro, falecido em junho de 1548] chegou o padre a Malaca no derradeiro dia de Maio do mesmo ano [em que fora para lá despachado em Abril de 1549] de 49, e deteve-se aí alguns dias, pelo mau aviamento que se lhe deu, mas finalmente, depois de passar aí em Malaca muitos trabalhos, embarcou-se em dia de S. João do mesmo ano, ao sol posto, num junco pequeno de um Chim, que se dizia o Necodá ladrão, e fez-se à vela ao outro dia pela manhã, e partiu, na qual viagem também passou assás de trabalhos, *de que me escuso de dar relação, porque me parece desnecessário escrever isto tão pormenorizadamente*, nem farei mais do que tocar brevemente o que for mais importante ao meu intento, conforme à pouca possibilidade do meu fraco engenho.” (*Peregrinação*, v. II, cap. CCVIII, p. 543; grifo nosso) E este outro exemplo (capítulo CCXI): “O padre, respondendo a este falso argumento, desfz-lho por três vezes com palavras e razões tão claras e evidentes, e por comparações tão próprias e naturais, que o bonzo ficou confuso; *as quais aqui não ponho, para evitar prolixidade, mas principalmente porque não cabem no estreito vaso do meu engenho.*” (*Peregrinação*, v. II, cap. CCXI, p. 575; grifo nosso)

<sup>42</sup> grandes] grande – em PA1882.

<sup>43</sup> nosso vivo contentamento] nosso contentamento – em PA1937.

<sup>44</sup> Ele interrogou-nos ainda algum tempo, compridamente,] Ele interrogou-nos ainda compridamente, – em PA1937 e em PA1952; Ele interrogou-nos ainda algum tempo, compridamente – em OCA2015.

<sup>45</sup> dela,] delas, – em PA1937.

incitou-nos a praticá-la, a divulgá-la cautelosamente,<sup>46</sup> não porque houvesse nada contrário às leis divinas ou humanas, mas porque a má compreensão dela podia daná-la e perdê-la<sup>47</sup> em seus primeiros passos; enfim, despediu-se de nós com a certeza (são palavras suas) de que abalávamos dali com a verdadeira alma de pomadistas; denominação esta que, por se derivar do nome dele, lhe era em extremo agradável.

10 Com efeito, antes de cair a tarde, tínhamos os três combinado em pôr por obra uma ideia tão judiciosa quão lucrativa, pois não é só lucro o que se pode haver em moeda,<sup>48</sup> senão também o que traz consideração e louvor, que é outra e melhor espécie de moeda, conquanto não dê para comprar damascos ou chaparias de ouro. Combinamos, pois, à guisa de experiência, meter cada um de nós, no ânimo da cidade Fuchéu, uma certa convicção, mediante a qual houvéssemos os mesmos<sup>49</sup> benefícios que desfrutavam Patimau e Languru; mas, tão certo é que o homem não olvida o seu interesse, entendeu Titané que lhe cumpria lucrar de duas maneiras, cobrando da experiência ambas as moedas, isto é, vendendo também as suas alparcas:<sup>50</sup> ao que nos não opusemos, por nos parecer que nada tinha isso com o essencial da doutrina.

11 Consistiu a experiência de Titané em uma cousa que não sei como diga para que a entendam. Usam neste reino de Bungo, e em outros destas remotas partes, um papel feito de casca de canela moída e goma, obra mui prima, que eles talham depois em pedaços de dois<sup>51</sup> palmos de comprimento, e meio de largura, nos quais desenham com vivas e variadas cores, e pela língua do país, as notícias da semana, políticas, religiosas, mercantis e outras, as novas leis do reino, os nomes das fustas, lancharas, balões e toda a casta<sup>52</sup> de barcos que navegam estes mares, ou em guerra, que a há frequente, ou de veniaga. E digo as notícias da semana, porque as ditas folhas são feitas de oito em oito dias, em grande cópia, e distribuídas ao gentio da terra, a troco de uma espórtula, que cada um dá de bom grado para ter as notícias primeiro que os demais moradores. Ora,<sup>53</sup> o nosso Titané não quis melhor esquina que este papel, chamado pela nossa língua *Vida e claridade das cousas mundanas e celestes*, título expressivo, ainda que um tanto derramado. E, pois, fez inserir no dito papel que acabavam de chegar notícias frescas de toda a costa de Malabar e<sup>54</sup> da China, conforme as quais não havia outro cuidado que não fossem as famosas<sup>55</sup> alparcas dele Titané; que estas alparcas eram chamadas as

---

<sup>46</sup> divulgá-la cautelosamente,] divulgá-la, cautelosamente, – em PA1937 e em PA1952.

<sup>47</sup> daná-la e perdê-la] daná-la, perdê-la – em PA1937; daná-la, e perdê-la – em PA1952.

<sup>48</sup> moeda,] moeda – em PA1937 e em PA1952.

<sup>49</sup> mesmos] memos – em PA1937.

<sup>50</sup> alparcas:] alparcas; – em GN.

<sup>51</sup> Observe-se que essa ocorrência documenta a oscilação “dous/dois”. Ver nota 20.

<sup>52</sup> toda a casta] toda casta – em PA1937.

<sup>53</sup> Ora,] Ora – em GN.

<sup>54</sup> e] e, – em OCA1994.

<sup>55</sup> as famosas] as famosa – em OCA1959.

primeiras do mundo, por serem mui sólidas e graciosas;<sup>56</sup> que nada menos de vinte e dous mandarins iam requerer ao imperador para que, em vista do esplendor das famosas alparcas de Titané, as primeiras do universo, fosse criado o título honorífico de “alparca do Estado”, para recompensa dos que se distinguissem em qualquer disciplina do entendimento; que eram grossíssimas as encomendas feitas de todas as partes,<sup>57</sup> às quais ele Titané ia acudir, menos por amor ao lucro do que pela glória que dali provinha à nação; não recuando, todavia, do propósito em que estava e ficava de dar de graça aos pobres do reino umas cinquenta corjas das ditas alparcas, conforme já fizera declarar a el-rei e o repetia agora; enfim, que apesar da primazia no fabrico das alparcas assim reconhecida em toda a terra, ele sabia os deveres da moderação, e nunca se julgaria mais do que um obreiro diligente e amigo da glória do reino de Bungo.

12 A leitura desta notícia comoveu naturalmente a toda a cidade Fuchéu, não se falando em outra cousa durante toda aquela semana. As alparcas de Titané, apenas estimadas, começaram de ser buscadas com muita curiosidade e ardor, e ainda mais nas semanas seguintes, pois não deixou ele de entreter a cidade, durante algum tempo, com muitas e extraordinárias anedotas acerca da<sup>58</sup> sua mercadoria. E dizia-nos com muita graça: – Vede<sup>59</sup> que obedeço ao principal da nossa doutrina, pois não estou persuadido da superioridade das tais alparcas, antes as tenho por obra vulgar, mas fi-lo crer ao povo, que as vem comprar agora, pelo preço que lhes taxo. Não me parece, atalhei, que tendes cumprido<sup>60</sup> a doutrina em seu rigor e substância, pois não nos cabe inculcar aos outros uma opinião que não temos, e sim a opinião de uma qualidade que não possuímos; este é, ao certo, o essencial dela.

13 Dito isto, assentaram os dous que era a minha vez de tentar a experiência, o que imediatamente fiz; mas deixo de a relatar em todas as suas partes, por não demorar a narração da experiência de Diogo Meireles,<sup>61</sup> que foi a mais decisiva das três, e a melhor prova desta deliciosa invenção do bonzo. Direi somente que, por algumas luzes que tinha de música e charamela, em que aliás era mediano,<sup>62</sup> lembrou-me congregar os principais de Fuchéu para que me ouvissem tanger o instrumento; os quais vieram, escutaram e foram-se repetindo que nunca antes tinham ouvido cousa tão extraordinária. E confesso que alcancei um tal resultado com o só recurso dos ademanos, da graça em

---

<sup>56</sup> graciosas;] graciosas: – em GN.

<sup>57</sup> as partes,] às partes, – em OCA1994 e em OCA2015.

<sup>58</sup> da] de – em OCA1994 e em OCA2015.

<sup>59</sup> Em PAGK1989, com esta fala começa novo parágrafo.

<sup>60</sup> pelo preço que lhes taxo. Não me parece, atalhei, que tendes cumprido] pelo preço que lhes taxo. – Não me parece, atalhei, que tendes cumprido – em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994 e em CJG1998; pelo preço que lhes taxo. – Não me parece – atalhei – que tendes cumprido – em OCA2015. Em PAGK1989, com a mudança do personagem que fala (– Não me parece), começa novo parágrafo.

<sup>61</sup> Ver nota 41.

<sup>62</sup> mediano,] mediano – em GN (em final de linha).

arquear os braços para tomar a charamela,<sup>63</sup> que me foi trazida em uma bandeja de prata, da rigidez do busto, da unção com que alcei os olhos ao ar, e do desdém e ufania com que os baixei à mesma assembleia, a qual neste ponto rompeu em um tal concerto de vozes e exclamações de entusiasmo, que quase me persuadiu do meu merecimento.

14 Mas, como digo, a mais engenhosa de todas as nossas experiências, foi a de Diogo Meireles. Lavrava então na cidade uma singular doença,<sup>64</sup> que consistia em fazer inchar os narizes, tanto e tanto, que tomavam metade e mais da cara ao paciente, e não só a punham horrenda, senão que era molesto carregar tamanho peso. Conquanto os físicos da terra propusessem extrair os narizes inchados, para alívio e melhoria dos enfermos, nenhum destes consentia em prestar-se ao curativo, preferindo o excesso à lacuna, e tendo por mais aborrecível que nenhuma outra coisa a ausência daquele órgão. Neste apertado lance,<sup>65</sup> mais de um recorria à morte voluntária,<sup>66</sup> como um remédio, e a tristeza era muita em toda a cidade Fuchéu. Diogo Meireles, que desde algum tempo praticava a medicina, segundo ficou dito atrás, estudou a moléstia e reconheceu que não havia perigo em desnarigar os doentes, antes era vantajoso por lhes levar o mal,<sup>67</sup> sem trazer fealdade, pois tanto valia um nariz disforme e pesado como nenhum; não alcançou, todavia, persuadir os infelizes ao sacrifício. Então<sup>68</sup> ocorreu-lhe uma graciosa invenção. Assim foi que, reunindo muitos físicos, filósofos, bonzos, autoridades e povo, comunicou-lhes que tinha um segredo para eliminar [a moléstia, sem eliminar]<sup>69</sup> o órgão; e esse segredo era nada menos que substituir o nariz achacado por um nariz são, mas de pura natureza metafísica, isto é, inacessível aos sentidos humanos, e contudo tão verdadeiro ou ainda mais do que o cortado; cura esta praticada por ele em várias partes, e muito aceita aos físicos de Malabar.<sup>70</sup> O assombro da assembleia foi imenso, e não menor a incredulidade de alguns, não digo de todos, sendo que a maioria não sabia que acreditasse, pois<sup>71</sup> se lhe repugnava a metafísica do nariz,

---

<sup>63</sup> charamela,] charamela – em GN. A pontuação de GN nos parece mais conforme aos hábitos atuais; ela suprime a ambiguidade do texto. O hábito machadiano, entretanto, de pôr vírgula indistintamente com relação à natureza (explicativa ou restritiva) da oração seguinte, nos levou a respeitar e conservar a pontuação da edição de 1882. A ambiguidade deriva da correlação “tal ... que”. O “que” da correlação vem ao final do período: “E confesso que alcancei um *tal* resultado [...], *que* quase me persuadi do meu merecimento.” (grifos nossos) Essa apódose presta-se igualmente a uma outra prótase, que lhe está mais próxima (o que é mais um fator de ambiguidade para a primeira correlação): “a qual neste ponto rompeu em *um tal* concerto de vozes e exclamações de entusiasmo, *que* quase me persuadiu do meu merecimento.” (grifos nossos)

<sup>64</sup> doença,] doença – em PA1937 e em PA1952.

<sup>65</sup> lance,] lance – em GN, em PA1882 (nesta edição falta a vírgula; porém o espaço entre “lance” e a palavra seguinte é maior do que o espaço entre as demais palavras da mesma linha), em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

<sup>66</sup> voluntária,] voluntária – em GN.

<sup>67</sup> por lhes levar o mal,] por levar o mal, – em PA1937.

<sup>68</sup> Então] E então – em GN.

<sup>69</sup> Estas palavras, postas aqui entre colchetes, por nos parecerem mais adequadas à proposta de Diogo Meireles, vêm somente em GN.

<sup>70</sup> Malabar.] Malabras. – em PA1937.

<sup>71</sup> pois] pois, – em PA1952.



cedia entretanto à energia das palavras de Diogo Meireles, ao tom alto e convencido com que ele expôs e definiu o seu remédio. Foi então que alguns filósofos, ali presentes, um tanto envergonhados do saber de Diogo Meireles, não quiseram ficar-lhe atrás,<sup>72</sup> e declararam que havia bons fundamentos para uma tal invenção, visto não ser o homem todo outra coisa mais do que um produto da idealidade transcendental; donde resultava que podia trazer, com toda a verosimilhança, um nariz metafísico, e juravam ao povo que o efeito era o mesmo.

15 A assembleia aclamou a Diogo Meireles; e os doentes começaram de buscá-lo, em tanta cópia, que ele não tinha mãos a medir. Diogo Meireles desnarigava-os com muitíssima arte; depois estendia delicadamente os dedos a uma caixa, onde fingia ter os narizes substitutos, colhia um e aplicava-o ao lugar vazio. Os enfermos,<sup>73</sup> assim curados e supridos, olhavam uns para os outros, e não viam nada no lugar do órgão cortado; mas, certos e certíssimos de que ali estava o órgão substituto, e que este era inacessível aos sentidos humanos, não se davam por defraudados, e tornavam aos seus ofícios. Nenhuma outra prova quero da eficácia da doutrina e do fruto dessa<sup>74</sup> experiência, senão o facto de que todos os desnarigados de Diogo Meireles continuaram a prover-se dos mesmos lenços de assoar. O que tudo deixo relatado para glória do bonzo e benefício do mundo.<sup>75</sup>

FIM DO SEGREDO DO BONZO

### **Abreviaturas empregadas nesta edição**

CJG1998 – *Contos*: uma antologia, 1998, edição de John Gledson.

GN – *Gazeta de Notícias*.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

PA1882 – *Papéis avulsos*, 1882.

PA1937 – *Papéis avulsos*, 1937.

PA1952 – *Papéis avulsos*, 1952.

PAGK1989 – *Papéis avulsos*, 1989, edição de Adriano da Gama Kury.

PAIT2005 – *Papéis avulsos*, 2005, edição de Ivan Teixeira.

---

<sup>72</sup> atrás,] atrás – em PA1937 e em PA1952.

<sup>73</sup> Os enfermos,] Os enfermos – em GN.

<sup>74</sup> dessa] desta – em GN; desse – em PA1882.

<sup>75</sup> No Folhetim da *Gazeta de Notícias*, ao pé do texto, vem assim a indicação de autoria: MACHADO DE ASSIS. Em PA1937, vem o ano: 1882. Em OCA2015: *Gazeta de Notícias*, 30 de abril de 1882; *Machado de Assis*. PAIT2005 traz a mesma inscrição desta nossa edição, assim: FIM DO SEGREDO DO BONZO.

## Referências

ARAÚJO, Teresa. PINTO, Fernão Mendes [verbete]. In: MACHADO, Álvaro Manuel (Org. e Dir.). *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença, 1996. p. 383-385.

ASSIS, Machado de. Um capítulo inédito de Fernão Mendes Pinto. De uma curiosa doutrina que achei em Fuchéu, e do que aí sucedeu a tal respeito. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 118, p. 1, 30 abr. 1882.

Disponível em: <[http://memoria.bn.gov.br/DocReader/103730\\_02/3636](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/103730_02/3636)>.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1952.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. 3v.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Edição crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Edição feita de acordo com a 1ª e anotada pelo Prof. Adriano da Gama Kury. Rio de Janeiro: Garnier, 1989.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 3v.

ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia*. Seleção, introdução e notas por John Gledson. São Paulo: Companhia dos Livros, 1998. 2v.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Edição preparada por Ivan Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. Org. Aluizio Leite, Ana Lima Cecílio, Heloísa Jahn e Rodrigo Lacerda. São Paulo: Nova Aguilar, 2015. v. 2.

PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação seguida das suas cartas*. Texto primitivo, inteiramente conforme à primeira edição (1614). Versão integral em português moderno por Adolfo Casais Monteiro. Lisboa: Sociedade de Intercâmbio Cultural Luso-brasileiro, 1952/1953. 2v.